

MIDIATIZAÇÃO EM PERSPECTIVA GENEALÓGICA: O CAVE E A HISTÓRIA DA MÍDIA EVANGÉLICA NO BRASIL

MEDIATIZATION IN GENEALOGIC PERSPECTIVE: THE CAVE AND THE HISTORY OF EVANGELIC MEDIA IN BRAZIL

MEDIATIZACIÓN EN PERSPECTIVA GENEALÓGICA: EL CAVE Y LA HISTORÍA DE LOS MEDIOS EVANGÉLICOS EN BRASIL

Marcio T. D'Amaral

■ Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ;
Professor Titular Emérito da ECO-UFRJ.

■ E-mail: damaral.marcio@gmail.com

Priscila Vieira Souza

■ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ.

■ E-mail: priscilavieira@ufrj.br

214



RESUMO

Estudo histórico contextual que investiga, em perspectiva genealógica, como a mídia evangélica desenvolveu-se no país, examinando as condições de midiaticização desse segmento social. A questão é provocada no presente e busca no percurso histórico da mídia evangélica relações de três narrativas/histórias/fatos do passado: o Centro Audio Visual Evangélico, CAVE; a história da mídia evangélica; a história do protestantismo no Brasil, conforme elaborada por Mendonça (2005; 2008). Aponta para as experiências midiáticas evangélicas do passado como integradas aos recentes processos de midiaticização do grupo social.

PALAVRAS-CHAVE: MÍDIA E RELIGIÃO; MEDIATIZAÇÃO; HISTÓRIA DA MÍDIA; PROTESTANTISMO.

ABSTRACT

This paper investigates the development of Evangelical media in Brazil, on a genealogical perspective. It examines the conditions for mediatization of the group, proposing a contextual historical approach to analyse these conditions. It questions the actuality of such media by historicizing its development. This is done by linking three narratives/histories/facts from the past: the Audiovisual Evangelical Centre (CAVE); the history of Evangelical media in Brazil; and the origins of Protestantism in Brazil, such as described by Mendonça (2005; 2008). It proposes that the current process of mediatization of Evangelicals are deeply integrated in their previous media experience from the past.

KEYWORDS: MEDIA AND RELIGION; MEDIATIZATION; HISTORY OF MEDIA; PROTESTANTISM.

RESUMEN

Estudio histórico contextual que investiga, desde una perspectiva genealógica, cómo se desarrollaron los medios evangélicos en el país, examinando las condiciones de mediatización de este segmento social. El tema se plantea en el presente y busca en el curso histórico de las relaciones evangélicas con los medios de tres narrativas / historias/ hechos del pasado: el Audio Visual Evangelical Center, CAVE; la historia de los medios evangélicos; la historia del protestantismo en Brasil, elaborada por Mendonça (2005; 2008). Señala las experiencias evangélicas de los medios del pasado integradas con los procesos recientes de mediatización del grupo social.

PALABRAS CLAVE: MEDIOS Y RELIGIÓN; MEDIATIZACIÓN; HISTORIA DE LOS MEDIOS; PROTESTANTISMO.



1. Introdução

A pergunta sobre os desenvolvimentos da mídia evangélica no país facilmente intriga observadores do presente. A relevância política de segmentos religiosos, evidente nas eleições de 2018, provoca novas questões sobre a atuação político-midiática desses grupos, que crescem em número de fiéis e em visibilidade. A reflexão que segue observa provocações atuais ao elaborar perguntas; e escuta o ressoar no/do passado na busca por respostas.

Esse estudo propõe uma elaboração genealógica como *methodos* para investigar como a mídia evangélica desenvolveu-se no país, examinando as condições de midiatização desse segmento social. O estudo constrói-se em intersecções tangenciadas e, por vezes, sobrepostas, como o próprio duo inicial **mídia e religião**, que ainda se sobrepõe ao campo da história. Outra intersecção é temporal: temos a questão que se forma no presente; um salto para um momento do passado; a busca pela compreensão genealógica, que segue o passar do tempo e enfoca um período. Os tempos sobrepõem-se no rastreamento de ainda mais um interstício, que compõe o objeto específico do estudo e pergunta pelas relações – similaridade e diferenciações – de três narrativas/histórias/fatos do passado: o Centro Audio Visual Evangélico - CAVE; a história da mídia evangélica; a história do protestantismo no Brasil.

O CAVE foi uma produtora evangélica interdenominacional¹ que atuou no Brasil entre 1951 e 1971. Nesse estudo, a historiografia do CAVE é construída a partir de documentos organizacionais dos arquivos da entidade, abrigados no Centro de Memória Metodista - CMM. Trata-se de atas, relatórios, correspondências, documentos de comunicação interna entre os setores da

1 No Brasil, o cenário evangélico é marcado pela pluralidade denominacional. Isto é, o grupo é dividido em diferentes estruturas eclesiais, com nuances doutrinárias, teológicas e comportamentais. São denominações que compõem o protestantismo histórico: presbiterianos, congregacionais, batistas, anglicanos, luteranos, metodistas.

organização, os quais formam o *corpus* documental inédito² de fontes primárias. A esse conjunto somam-se informações extraídas de textos da historiadora Karina Bellotti (2000; 2008), que teve acesso a fontes primárias diferentes das recolhidas pelo arquivo do CMM.

A perspectiva histórica dos desenvolvimentos da **mídia evangélica** no país apresenta-se como lacuna, seja nos estudos específicos de Mídia e Religião, seja na área da História da Mídia. Esse artigo intenta contribuir para o fomento e a elaboração de investigações sobre história da mídia religiosa; e, portanto, esse ponto é, aqui, objeto da construção reflexiva. Pela ausência de trabalhos que sistematizem pesquisas em história da mídia evangélica e pela primazia, nesse estudo, da historiografia inédita do CAVE, a abordagem absorve como fonte central o trabalho de Alexandre Fonseca (2003), *Evangélicos e Mídia no Brasil*.

Por fim, a história do protestantismo no Brasil é amparada na pesquisa do sociólogo e historiador Antônio G. Mendonça (2005; 2008), com a incursão de autores como Rubem Alves (1982) e Silas Souza (2005), em geral para reforço ou complementação de características relevantes do grupo e/ou período. A análise historiográfica do CAVE, baseada no arquivo, integra aspectos metodológicos dos estudos institucionais da produção midiática (Priest, 2010) com análise de textos, imagens e produtos. Por isso a perspectiva histórica é central e fornece o aspecto conjuntural para a compreensão da organização, seus desenvolvimentos e diferentes fases.

Além de oferecer contexto, o trabalho de Mendonça – referência consolidada nos estudos de protestantismo no Brasil, é tomado como a teoria histórica geral inicial, a qual o trabalho pergunta e a que a resposta deve confirmar ou propor deslocamentos. Ribeiro e Herschamm (2008, p. 23),

2 A pesquisa foi realizada pela coautora e a descrição e análise compõem a Tese de Doutorado (2014), também orientada por Marcio Amaral.

ao fazerem um balanço do campo da História da Mídia, indicam “a necessidade de uma articulação mais consistente com uma Teoria da História e de maior clareza das opções metodológicas”. Estamos cientes de que a historiografia de Mendonça não se enquadra exatamente na categoria Teoria da História, contudo ela oferece o respaldo necessário, em relação ao grupo social pesquisado, para conceber uma reflexão alicerçada. Assim, nos estudos da religião e especificamente do protestantismo no Brasil, os textos de Mendonça cumprem com as indicações de Ribeiro & Herschamm.

Mendonça (2005) propõe quatro períodos para compreensão da história do protestantismo no Brasil, da sua origem, no século XIX, até a década de 1980, que podem ser assim nomeados: isolamento social; cooperacionismo; politização e crise; repressão. O CAVE atravessa três desses períodos. Tomamos a periodização proposta por Mendonça como teoria-hipótese mais genérica sobre o grupo social em enfoque (protestantes evangélicos), que potencialmente contribui com a compreensão dos fatos encontrados nos documentos do CAVE. Em outra perspectiva, a historiografia do CAVE coloca em xeque a teoria-hipótese de Mendonça, podendo tanto confirmá-la quanto expor fragilidades. Há, portanto, uma hipótese metodológica: a história da organização e da produção do CAVE pode ser analisada a partir da periodização proposta por Mendonça. Se a hipótese for confirmada, verifica-se que o trabalho do sociólogo contribui para compreender o CAVE e, ao mesmo tempo, a história do CAVE valida a periodização proposta.

O movimento proposto, que relaciona CAVE – mídia evangélica – história do protestantismo permite seguir o rastro do desenvolvimento histórico da mídia evangélica no país. O resultado que se obtém ao responder pela correspondência (ou não) do CAVE e de outras mídias evangélicas à periodização de Mendonça é um esboço de trajetória, um mapeamento do próprio desenvolvimento

histórico da produção midiática do grupo.

O recorte histórico de Mendonça – que o CAVE praticamente acompanha – oferece ainda a potência de encerrar-se no momento anterior ao *boom* midiático dos evangélicos no país na década de 1990. Coerente com a perspectiva genealógica adotada, trata-se, portanto, de escavar as mediações ao invés de atentar evidências mais óbvias e/ou já pesquisadas. Além disso, a periodização de Mendonça cobre o período anterior aos desenvolvimentos atuais da mídia evangélica, identificados a partir dos anos 90 do século passado.

2. Contextos: midiatização e a questão *no presente*

Em recente análise sobre a atuação político-midiático dos evangélicos no país, Magali Cunha (2019, p. 2) atesta a densa “visibilidade que as religiões alcançaram no espaço público no tempo presente”. Buscando compreender esse fenômeno de modo a superar noções como retorno do religioso ou dessecularização, Cunha (2019, p. 1) argumenta que se trata, de fato, de um novo momento histórico, que “hoje coloca os evangélicos como grupo religioso protagonista no processo político em curso no Brasil”. A pesquisadora recorre, então, à noção de midiatização para compreender as mudanças internas aos evangélicos que permitiram engendrar intensa visibilidade.

A noção de midiatização em Cunha (2019) assimila reflexões prévias sobre o termo, especialmente de José Braga e Martín-Barbero (2009). A autora compõe o conceitual com ênfase em três aspectos: 1) a interação que as mídias promovem entre diferentes dimensões da vida social; 2) a dinâmica pela qual a interação modifica cada uma das dimensões envolvidas (pensada como fluxo, em processo **inacabado**); 3) as singularidades que processos de midiatização apresentam em diversos contextos e grupos. Propomos acrescentar a perspectiva de Hjarvard, que ressalta o prolongamento **no tempo** das interações midiáticas:



(...) o estudo de 'mediatização' refere-se à influência de longo prazo da mídia nas estruturas e agências culturais e sociais. Aplicando a uma perspectiva institucional à midiatização, eu tenho argumentado que por mediatização nós entendemos os processos através dos quais as várias instituições da cultura e sociedade (família, política, religião, etc [sic]) tornam-se crescentemente influenciadas pelas mídias e suas lógicas (Hjarvard, 2016, p. 9; trad. nossa).

Pode-se afirmar, então, que “a relação entre evangélicos e política no tempo presente, no Brasil, é marcada pelo processo de midiatização social” (Cunha, 2019, p. 14). A análise da autora retoma a década de 1990, quando se verifica o que Magali cunhou como **explosão gospel** (2007): a massiva utilização das mídias disponíveis à época, com ganho de visibilidade, especialmente por meio da criação de um mercado próprio para circulação de bens culturais, sobretudo da música. A conclusão da autora à época era que a emergência de um nicho de mercado forjava, simultaneamente, uma cultura híbrida, marcada tanto pelas lógicas midiáticas e de mercado, quanto pela moralidade e conservadorismo inerentes às práticas de fé dos evangélicos no país (Cunha, 2007).

Assim, Cunha (2007; 2019) oferece uma síntese das provocações atuais. Ou seja, a crescente midiatização dos evangélicos, com reflexo na sua efetiva atuação político-midiática. A autora observa que esse período – da década de 1990 até o presente – é marcado pela pentecostalização. Isto é, as denominações que ganharam visibilidade e hoje protagonizam a participação política do segmento surgiram, em sua maioria, nos anos 1970, como fruto de divisões de outras igrejas (Vieira-Souza, 2014).

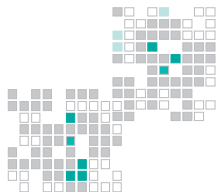
3. Percurso histórico e midiático dos evangélicos no Brasil

Forma-se, portanto, a questão seguinte: o que explicaria, por oposição, a invisibilidade, hoje, dos

antecessores desses grupos? A história dos evangélicos no Brasil tem como origem os protestantes que chegaram no século XIX, com constante produção de mídia desde então. Porém, cem anos depois, na segunda metade do século XX, os segmentos evangélicos que ganham visibilidade e estão, de fato, massivamente presentes na mídia são outros. Considerando a produção constante de mídia desde 1850, o que teria acontecido para que, na década de 1990, a visibilidade evangélica se desse através de outros grupos (que se quer existiam antes); que relação, em termos de usos e apropriações midiáticas, podem ser estabelecidas entre os dois momentos/ grupos? Essa pergunta é enfrentada pela pesquisa documental aqui apresentada, nos arquivos do CAVE, que, em composição com a análise histórica de Mendonça, permite elaborar uma proposta para compreensão do **percurso** histórico da mídia evangélica.

3.1 Implantação e isolamento (1824-1916)

Os primeiros protestantes que chegaram ao Brasil eram imigrantes (ingleses, alemães, holandeses) que não manifestavam pretensões proselitistas (Mendonça, 2005, p. 53). A partir da segunda metade do século 19, o Brasil recebe missionários protestantes, em geral dos EUA, que pretendiam promover a conversão de brasileiros e fundar igrejas autóctones, motivados pela doutrina do Destino Manifesto e pela terceira onda de avivamento no país. O Destino Manifesto preconizava que os EUA eram a nação escolhida por Deus para transmitir ao mundo a mensagem evangélica, acompanhada do modo de vida norte-americano, o que implicava o sistema liberal político e econômico. A terceira onda avivalista, ou despertamento, integra a história religiosa norte-americana, que experimentou três momentos de renovação, marcados por apelos emocionais à fé e às práticas dela consequentes, como o pietismo, a santidade/moralidade do crente e a evangelização (Mendonça, 2008).



De início, o Destino Manifesto serviu mais como motivação para a chegada do protestantismo no Brasil, com aporte financeiro de igrejas e organizações religiosas dos EUA. No Brasil, as dinâmicas próprias de um grupo minoritário impediam o avanço de projetos políticos ou econômicos (Souza, 2005, p. 14). Além disso, os missionários trouxeram uma perspectiva espiritualizada da vida, com forte divisão entre **mundo e igreja**. Isto é, o novo convertido precisava viver para sua fé e crescimento da igreja, em número de fiéis. As transformações sociais foram relegadas a segundo plano. Mendonça (2005, p. 54) relembra que “era muito comum entre os protestantes a expressão: o crente não deve se meter em política”. Souza (2005, p. 14) afirma que há “consenso em interpretar o protestantismo como isolado na sociedade brasileira”, sobretudo nessa época.

A marca do período, portanto, é o **isolamento da sociedade ampla**. Além da cisão entre vida religiosa e social, esse isolamento foi acentuado pela ética dos protestantes americanos, que rejeitou a cultura local (Cunha, 2007), identificando a adoção da fé protestante/evangélica à conformação do comportamento ao estilo de vida dos EUA. Outro fator foi a construção do anticatolicismo, identificando a igreja católica com degeneração do cristianismo e causa das mazelas sociais do país (Cunha, 2007; Mendonça, 2005).

O enfoque principal dos missionários era a conversão de almas. A transformação social no Brasil se daria, nesse sentido, pelo aumento do número de convertidos. O texto clássico de Rubem Alves (1982, p. 216) expressa a ética social protestante: “Converta-se o indivíduo e a sociedade se transformará”. Se por um lado essa máxima engessava ações políticas, por outro, aponta Souza (2005, p. 228), tornava a evangelização uma tarefa societal.

A mídia desenvolvida nesse período é coerente com a percepção do isolamento social. Os protestantes investiram em jornais impressos facilmente

identificados como voltados ao público interno – de imediato, por seus nomes: O Puritano (1899); O Estandarte (1893); Imprensa Evangélica (1864). Este último é uma das razões pelas quais, no Brasil, protestantes históricos e outros subgrupos religiosos são abarcados na nomenclatura **evangélicos** como uma identidade comum.

3.2 Cooperacionismo e nascimento do CAVE (1916-1952)

O período inicia-se com o panamericanismo, que acabou incentivando a união entre protestantes frente à hegemonia religiosa do continente, massivamente católico. Em 1917 surgiu a Comissão Brasileira de Cooperação, que, com financiamento de igrejas e organizações confessionais americanas, pretendia “produzir literatura religiosa em português, uma imprensa e livraria no Rio de Janeiro, uma revista da família, uma universidade protestante e um orfanato” (Pierson *apud* Mendonça, 2005, p. 54). Observa-se que o grupo mantinha em seus projetos a produção de conteúdo e investimento em mídias, sobretudo impressa.

Outro impulso era o movimento unionista – visando unificar todas as denominações em uma única estrutura eclesial protestante-evangélica. Países como Canadá e Índia tiveram êxito no projeto e isso alimentou a intenção de uma Igreja Unida também no Brasil. “O período, com a cooperação e muitas das ideias do ‘unionismo’, promoveu a aproximação entre as igrejas no Brasil” (Mendonça, 2005, p. 56). Em 1934 foi fundada a Confederação Evangélica do Brasil - CEB. Com ênfase em publicações, a CEB fornecia revistas para as Escolas Bíblicas Dominicais, buscando unificar a formação protestante.

O CAVE surgiu nessa fase de vigor do processo cooperativista entre as denominações protestantes, “ligado a um projeto de expansão do protestantismo liberal norte-americano e um ideal de cooperação ecumênica do Brasil” (Vieira-Souza, 20014, p. 196). O equipamento técnico inicial pertencia



à CEB e a Missão Presbiteriana Central cedeu um missionário para sua manutenção. Também o Presbitério de Rio Claro cedeu um pastor recém reformado para produção de mídia. Assim, a participação de três diferentes organizações evangélicas, uma interdenominacional e duas confessionais, está de acordo com o espírito de cooperação ainda presente no início da década de 1950.

O projeto de expansão norte-americano era o propulsor financeiro do CAVE, financiado por duas organizações dos EUA: *Radio Audio-Visual Education and Mass Communication Commission Overseas* - Ravemcco e Comitê de Cooperação para a América Latina - CCLA. A Ravemcco era o departamento de comunicação do Conselho Nacional de Igrejas em Cristo dos EUA. No contexto americano de “fundamentalistas *versus* liberais”, esse Conselho representava os cristãos liberais, aproximava-se do Evangelho Social e incorporava as agendas do ecumenismo e diálogo inter-religioso.

O objetivo do CAVE era usar os meios de comunicação disponíveis para evangelização e formar comunicadores evangélicos. Em 1952, a recém-nascida Agência realizou seu primeiro Seminário de Rádio, com participação de cinco professores e 18 alunos, em São Paulo, conforme Relatório de 1960. Segundo este documento, que contém uma síntese da história da organização, nesse ano, “após várias consultas”, definiu-se o funcionamento do CAVE como um departamento autônomo da CEB, com “base de sustento” da Ravemcco e da CCLA, além de contribuições de “entidades cooperantes no Brasil, e da possível renda obtida na distribuição das diversas produções” (Relatório, 1960, p. 4).

Além do surgimento do CAVE, outras iniciativas de mídia foram importantes. Em geral, o grupo seguia produzindo para si e com intuito de expansão. Uma das estratégias de buscar visibilidade social era através de polêmicas na grande imprensa. Protestantes escreviam textos atacando a Igreja Católica sob o argumento de que se

tratava de uma estrutura que beneficiava os ricos. As provocações eram respondidas também na imprensa secular (Mendonça, 2008).

Mas a grande ênfase do período, em termos de mídia, recai sobre o rádio. Em 1943, iniciou-se o programa nacional evangélico com maior longevidade: *A Voz da Profecia*, da Igreja Adventista. Na época, era gravado nos EUA, já que estrutura para produção midiática era recurso escasso no Brasil (Fonseca, 2003). A CEB também ingressou no meio radiofônico com *A Voz Evangélica do Brasil*, veiculado a partir de 1938. Assim como a imprensa inicial, o grupo mantinha nos nomes de sua mídia a semântica da fé.

3.3 Crise política e religiosa (1952-1962)

Mendonça descreve esse como o momento em que o protestantismo no Brasil se desenvolve **em diversidade**. Com a multiplicidade, aparecem tensões, que acabaram em polarização e, finalmente, na sobreposição de um grupo sobre outro. Duas características podem ser destacadas nessa década: **um ensaio de politização** e, ao mesmo tempo, **a chegada de várias teologias novas** (Mendonça, 2005, p. 59). Os segmentos históricos conheceram teólogos contemporâneos europeus, especialmente influenciados pelo teólogo americano Richard Shaull³ - que chegou no país em 1952 e lecionava no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas. Até então o repertório teológico no Brasil era formado por autores americanos e, da Europa, apenas reformadores do século XVI (Alves, 1982, p. 255).

Por outro lado, as práticas e doutrinas pentecostais se instalaram no país. Para os evangélicos que se identificavam com a tradição da Reforma,

³ Shaull influenciou a formação e o pensamento de Rubem Alves durante o período em que lecionou em Campinas. Mais tarde, levaria Alves a cursar o doutorado em Teologia nos EUA. O resultado é a tese *Por uma teologia da esperança*, considerada precursora da Teologia da Libertação na América Latina. Cf: BARRETO, R. *Um convite a sonhar*: a influência de Shaull na formação do pensamento de Rubem Alves. *Revista Numem*. [prelo].

a ênfase na cura divina e os rituais públicos de exorcismo eram um espanto (Mendonça, 2005, p. 61). Mendonça identifica no movimento *Cruzada Nacional de Evangelização*, ligada à Igreja do Evangelho Quadrangular americana, o principal difusor do pentecostalismo nos anos de 1950.

O **ensaio de politização** foi protagonizado pela juventude. Ainda como fruto do cooperacionismo, havia intensa colaboração entre as organizações confessionais de jovens, com produção interdenominacional de eventos e mídia (Souza, 2005). O protestantismo estava instalado no país há três gerações e os filhos de evangélicos – criados “nas igrejas” – chegavam às universidades. A experiência que esses jovens levavam na bagagem foi rapidamente aproveitada pelo movimento estudantil – o grupo era habituado a exercer liderança em suas comunidades eclesiais, que, em geral, possuíam poucos fiéis. Rapidamente a atuação política nas universidades incidiu também sobre a fé. Em um país marcado pelo desemprego, analfabetismo e outros problemas, a conexão entre cristianismo e ação social era inevitável (Mendonça, 2005; ALVES, 1982).

A produção do CAVE se deu fortemente nesse período de influências antagônicas, múltiplas sobre o protestantismo brasileiro. Dois dos fundadores ganharam bolsas para estudos e capacitação nos EUA. O CAVE inaugurou, em 1954, a Capela Ambulante: uma *van* doada pela Ravemcco, que percorria as cidades com propaganda da organização e realizava projeções ao ar livre (Bellotti, 2000, p. 10). É também nesse período que a organização construiu e inaugurou sede própria, em Campinas (SP), com “acomodações adequadas para a produção de programas radiofônicos, gravações de grandes conjuntos corais, produção de filmes fixos e filmes de cinema e televisão” (Flyer, 1959).

O CAVE criou o projetor Adner, construído por um de seus engenheiros, com o intuito de solucionar dois problemas: a fabricação e montagem nacionais reduzia o custo de importação; e

o equipamento operava com as condições técnicas do Brasil (60W e 110/220V). É provável que esse tenha sido o primeiro projetor nacional. No *Notícias CAVE* de 1960 (p. 2), o texto ressalta que o projetor era “próprio para a evangelização em nosso país como nos demais da América do Sul, podendo ser usado até no sertão, ligado à bateria de um *Jeep* ou outro carro”.

A produção de filmes fixos também foi intensa no período. Apenas em 1959 a organização criou 11 novos filmes e produziu 3642 cópias (Relatório, 1960, p. 9). Mas as tensões entre diferentes perspectivas teológicas despontavam. Os filmes fixos ganhavam ora sentidos mais conservadores, voltados à evangelização, ora eram mais progressistas. Chama a atenção, nesse sentido, o filme *De onde me virá o Socorro?* Única produção caveana assinado exclusivamente por mulheres (desenhos de Phyllis Reily e texto de Lydia Santos), o filme narra o drama de D. Maria, mãe de duas meninas que não tinha em casa nada além de poucos pães e sem condições de trabalhar, pois as crianças não poderiam ficar sozinhas. Ela busca ajuda na igreja e, a partir do contato com a D. Maria, a comunidade percebe que as ajudas pontuais não bastam. Por fim, os fiéis se envolvem na construção e administração de uma creche para que mulheres como D. Maria possam deixar suas crianças enquanto buscam emprego. Ao final a história menciona que D. Maria trabalhava na própria creche da igreja, frequentava os cultos e “tem muitas amizades, pois pertence à família cristã”. A narrativa encerra-se com a personagem lembrando de quando buscou ajuda, desesperada, “e agradeceu ao Senhor que tão bem a socorreu” (Santos, 1959).

Ao mesmo tempo, documentos organizacionais do período são marcados por mudanças no tom e necessidade de reafirmação dos propósitos religiosos do CAVE. Entre as dificuldades, estão “crises econômicas” e “falta de melhor entendimento” (Relatório, 1960, p. 1). No fim, o texto



ênfatisa: “os relatórios departamentais incluídos neste relatório, demonstram o progresso e a fidelidade com que o CAVE proclamou ‘Cristo a Verdade Eterna’ (*Idem*).

O período também encerra, por um lado, a consolidação de programas evangélicos pontuais nas rádios, mas também tentativas frustradas de expansão da difusão radiofônica. A Ata da Assembleia Geral de 1959 cita a iniciativa de criar uma associação de estações evangélicas. Contudo, o projeto não aparece em quaisquer outros documentos. Ao final desse período, iniciou-se o primeiro programa televisivo evangélico, *Fé para Hoje*, marcando mais uma ação pioneira da Igreja Adventista no Brasil (Fonseca, 2003, p. 57).

3.4 Repressão (1962-1983)

A diversidade que se ensaiou no período anterior gerou forte reação do grupo associado ao fundamentalismo, que se fortalecia em meio aos evangélicos no Brasil. No meio protestante, o termo é inspirado na:

(...) série de volumes ‘*The Fundamentals*’, publicados entre 1910 e 1915, nos Estados Unidos e na Inglaterra, na qual se apontavam os inimigos do verdadeiro evangelho e do verdadeiro protestantismo: Igreja Católica, socialismo, filosofia moderna, espiritismo e outros. Os fundamentalistas combatiam duramente a teoria evolucionista e seu ensino nas escolas (Souza, 2005, p. 186).

A pluralidade sucumbiu à polarização: de um lado havia os **modernistas** – grupo que incluía diferentes nuances dos não fundamentalistas; de outro, os fundamentalistas recebiam apoio externo através de “missões de fé” que chegavam dos EUA, contribuindo com o crescimento numérico e fortalecendo o grupo conservador, dentro e fora das igrejas. O enfoque era a salvação de almas e a ruptura entre mundo e igreja, inibindo pensa-

mento e ação voltada à sociedade. Em 1968, dois seminários presbiterianos e um metodista sofreram intervenções, com expulsão de alunos e professores, inclusive com a demissão de Shaull, que teve que retornar ao seu país.

Apesar das oposições, em 1962 aconteceu a Conferência do Nordeste, que tinha por tema *Cristo e o processo revolucionário brasileiro*, com a presença de pensadores reconhecidos no cenário intelectual secular, como Gilberto Freyre e Celso Furtado (Matos, 2007). A reação conservadora, a partir de 1964, expressou-se em ações impetradas pela cúpula das instituições religiosas na direção do fortalecimento do fundamentalismo e eliminação de posições contrárias. Relembrando fatos dessa fase, o então pastor Waldo César relatou que a cúpula da Igreja deu “o golpe antes do golpe”, intervindo em igrejas e retirando pastores considerados progressistas (Matos, 2007).

A despeito das tensões externas e internas, a produção caveana prosseguia. A organização também atingiu seu maior número de associados, chegando a 28 membros (Bellotti, 2005, p. 47). Aparece, na Ata de 1963, a questão da autonomia financeira. Os conflitos entre fundamentalistas e modernistas expressou-se no CAVE pela decisão de fechar os estúdios para a produção de encomendas. A análise do conjunto de documentos indica que parte da manutenção da organização era custeada via prestação de serviços como gravação de casamentos e formaturas, e revelação de fotografias (Flyer, 1959). A Ata de 1963 (p. 6) transcreve reações da Comissão de Leitura ao Relatório do Secretário Geral, com o seguinte registro: “A comissão apoia a decisão de restringir trabalhos e serviços de laboratório para particulares”. A restrição foi uma das causas da saída da organização de um de seus fundadores – Mauro Wolf, o mesmo que havia ganhado bolsa de estudos no início da organização (Bellotti, 2000, p. 83).

A Ata de 1963 traz outros indícios de que o CAVE assumia uma face mais conservadora.

Para melhorar a distribuição, a diretoria recorria “a todas as formas possíveis de contatos com Igrejas e Concílios (ATA, 1963, p.6, *grifo nosso*). Como estratégia de divulgação, estava listada a publicação em “jornais e revistas *evangélicas*” (*Idem*). Em Relatório de 1959 aparece com naturalidade a publicação de artigos em jornais e revistas “evangélicas e seculares”.

Em 1966, assumiu a direção do CAVE o coronel Theodoro Pupo. O arquivo não possui um único documento institucional da data a partir de sua chegada. Há um salto para um Relatório de Liquidação, de 1971. Nessa fase, o CAVE produziu *A Bandeira Nacional*, um LP com o texto da Lei 5443 (28/05/1968), que regularizou os usos do símbolo nacional. Em tom de celebração, o áudio encerra-se com trecho da Oração à Bandeira. Se em 1963 a restrição ao uso religioso dos estúdios era uma questão, a direção do coronel conduziu uma produção sem nenhuma menção religiosa, com “promoção dos Lyons Clubes de Campinas” e com o seguinte agradecimento: “esta realização só foi possível graças à valiosa colaboração do coronel Sidnei Teixeira Álvares, digníssimo comandante da guarnição militar de Campinas” (CAVE, *A Bandeira Nacional*).

A essa altura, a Ravemcco reduzia progressivamente os recursos, na expectativa de que o CAVE consolidasse sua autonomia. A produção de material em apoio ao governo militar teria desgostado a organização, ligada às correntes liberais dos EUA, que retirou completamente o suporte financeiro (Campos, 1997, p. 269). Além disso, a própria organização enfrentava, nos EUA, oposição de grupos conservadores. O envolvimento “na luta pelos direitos civis nos EUA” teria provocado seu enfraquecimento, “com retirada de financiamentos de missões nacionais e internacionais” (Bellotti, 2008, p. 70).

Outras mídias evangélicas sofreram intervenções. Na Igreja Presbiteriana do Brasil, o Supremo Concílio – órgão máximo na hierarquia eclesiás-

tica, depôs a diretoria do *Jornal Mocidade*, passando a publicá-lo pela Casa Editora Presbiteriana. Os jovens protagonizaram a politização do grupo e eram engajados em ações sociais e ecumênicas. Assim, a reação institucional foi direcionada a seus projetos. Também o órgão oficial da denominação, *Brasil Presbiteriano*, sofreu intervenção em 1964, tendo sua diretoria completamente trocada. Artigos contendo ideias, opiniões e análises foram praticamente eliminados e o jornal voltou-se à divulgação de atividades da Igreja (Souza, 2005, p. 219). Nos anos de 1964 a 1966, “o fundamentalismo fechou legalmente o cerco sobre as posições consideradas modernistas” (*op. cit., idem*).

Em 1975 iniciou-se o primeiro programa evangélico brasileiro transmitido em rede nacional de televisão: *Reencontro* (do pastor Batista Fanini), uma concessão do governo federal nas TVs Educativas (FONSECA, 2003, p. 57). Também houve uma experiência de televisão da missão *Visão de Evangelização Nacional - Vinde*, liderada pelo pastor Caio Fábio (então presbiteriano), que despontava como liderança ao propor retomar as relações entre fé, sociedade e ação social.

Na década de 1970, enquanto o CAVE encerrava suas atividades, surgiam avivamentos no Brasil, com novas denominações, centradas no que posteriormente chamou-se “usos e costumes”. Algumas proibiam os fiéis de assistirem TV. O cenário evangélico diversificou-se bastante nesse período, com muitas divisões de grupos pentecostais, que criaram uma miríade de comunidades independentes e novas denominações, como a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). As cisões marcam definitivamente o fim das possibilidades de cooperação. Na década seguinte, após a reabertura política, tais novas denominações protagonizaram a explosão *gospel* e a conquista de visibilidade pública nos processos de midiaticização.



4. Considerações finais

A análise histórica realizada comprova que há correspondência entre a trajetória do CAVE a periodização de Mendonça (2005). A mídia evangélica parece acompanhar os movimentos de cooperação; abertura; repressão e isolamento denominacional. Assim, tanto a historiografia do CAVE contribui com a confirmação da hipótese de Mendonça, quanto a reflexão do autor corrobora, de fato, a compreensão do contexto em que a organização se insere. Como referência inicial, podemos afirmar que o esboço para uma história da mídia protestante é pertinente.

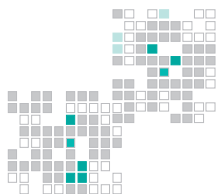
Em relação à questão-provocação no presente (a forte visibilidade midiático-política dos evangélicos no país), a perspectiva genealógica enseja o acompanhamento dos desenvolvimentos do grupo. Podemos indicar, com base nos dados apresentados, que os segmentos do protestantismo histórico resistiram aos processos de midiaticização, buscando uma relação instrumental com os meios de comunicação, com forte ênfase em seu potencial de ampliar a mensagem evangelizadora. Os conflitos entre modernistas e fundamentalistas, com a sobreposição dos últimos, fortaleceram a tendência do grupo ao isolamento social, impedindo a relação com a sociedade e o estabelecimento de espaços sociomidiáticos. A historiografia do CAVE indica esse encerramento do grupo em si mesmo, com a restrição de prestação de serviços em detrimento de sua sustentabilidade financeira e organizacional.

Vale apontar que a repressão e o isolacionismo capturados por Mendonça como características

dos anos finais da sua análise (anos 1980) criaram as condições para fortalecer fundamentalismos. Propostas midiáticas que servem restritamente à circulação de mensagem interna ou a tentativas de imposição prescindem de negociações, buscando robustecer o grupo e/ou buscar novos aliados.

É importante reforçar que a conquista de visibilidade social, que se inicia nos anos de 1990, com efeitos políticos na atualidade, enreda elementos tanto de ruptura quanto de continuidade. Se considerarmos a heterogeneidade dos evangélicos, de fato os protestantes históricos permanecem com menor incidência midiática – embora seria necessário um olhar atento para aferir sua influência pública e política, especialmente através de indivíduos de destaque (o que estaria de acordo com o *ethos* individualista). Por outro lado, a genealogia da mídia evangélica – considerando todo o coletivo a que o termo se refere – nos indica que há continuidades e trocas entre os diferentes grupos. Por essa perspectiva seria possível afirmar que toda a produção de mídia dos diferentes segmentos evangélicos no Brasil, desde a produção de jornais impressos ainda no século XIX, contribuiu com a **mediatização** do grupo como um todo.

Essa perspectiva reforça no conceito de mediatização o aspecto da exposição prolongada às mídias e, ao mesmo tempo, da manifestação de singularidades e de processo inacabado. Assim, o grupo como um todo pode ser considerado mediatizado – ainda que cada segmento apresente diferentes experiências, níveis e formas de mediatização.



REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1982.
- BELLOTTI, K. *Uma igreja invisível?* Protestantes históricos e meios de comunicação de massa no Brasil (anos 50 a 80). Monografia (Curso de História). Campinas: Unicamp, 2000.
- BELLOTTI, K. *Delas é o reino dos céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (1950 a 2000)*. Tese (Doutorado em História) - Unicamp, 2008.
- CAMPOS, L. *Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CAVE. *A Bandeira Nacional*. Campinas: CAVE. s/d. LP.
- CAVE. CAVE. Impresso de divulgação. 1p. 1959.
- CAVE. Assembleia Geral. Ata de reunião realizada em 29/03/1963. 7p.
- CRISTO E O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO BRASILEIRO. Dir.: Marcus Vinicius Matos. Produção: ISER e Rede FALE. Rio de Janeiro: ISER, 2007. 16 min. Son, Color, Formato: DV
- CUNHA, M. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CUNHA, M. Os processos de midiatização das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. *Revista Famecos*. Porto Alegre. V.26, N.1, Jan-abr. Porto Alegre, 2019. Disponível em: < revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30691>. Acesso em: maio, 2019.
- FONSECA, A. *Evangélicos e mídia no Brasil*. Bragança Paulista: Ed. Universitária; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.
- HJARVARD, S. Mediatization and the changing authority of religion. *Media, Culture & Society*, V. 38(1), p. 8-17, 2016.
- MENDONÇA, A. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- MENDONÇA, A. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n.67, set./nov., 2005, p. 48-67.
- NOTÍCIAS CAVE – Boletim informativo do Centro Audio-Visual Evangélico. ANO VII, N.26. Mai-jun., 1960.
- RELATÓRIO do Secretário Geral à Assembleia Geral. Campinas: 25/02/1960. CAVE. Impresso. 10p.
- RIBEIRO, Ana Paulo Goulart; HERSCHMANN, Micael (Org). *Comunicação e história – interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X; Globo Universidade, 2008.
- VIEIRA-SOUZA, P. *Comunicação, Modernidade, Religião: relações culturais na história e produção do Centro Áudio Visual Evangélico - CAVE (1951 – 1971)*. Tese. UFRJ (PPGCOM). Rio de Janeiro, 2014. 358 p.

